

ALEXANDRE ESPÍRITO SANTOMembro da Academia Nacional de
Economia e professor do IBMEC-RJ

Mercados não têm coração

As bolsas de valores são um bom termômetro da economia de um país. Algumas vezes podem estar com preços distorcidos, mas, no geral, indicam com boa dose de acerto os fundamentos econômicos. Numa análise simples dos índices bursáteis atuais, percebemos que o Dow Jones, da NYSE, superou os patamares máximos de antes da crise do Lehman Brothers, acima dos 14.500 pontos, enquanto o nosso Ibovespa se arrasta em torno dos 54.000 pontos, 26% abaixo da pontuação recorde daquela oportunidade. Enquanto, em 2013, o indicador da bolsa americana sobe acima de 10%, o nosso mercado cai mais de 10%. Uma lástima! O que vem provocando essa discrepância de desempenho dos índices internacionais em relação ao Ibovespa – além da derrocada das empresas X?

Em minhas recentes participações aqui nesse espaço, venho enfatizando que a gestão macroeconômica em nosso país, no governo Dilma, anda confusa. O combate à inflação é feito com a Fazenda adotando mecanismos pouco usuais e antiquados – desonerações em alguns setores, controle de preços em outros – ao invés do mecanismo clássico de elevação das taxas de juros, feito pelo Banco Central (BC). A consequência da percepção, pelos investidores, de que o BC poderia ser leniente com a inflação, aceitando “informalmente” um IPCA mais perto do teto de meta de 6,5%, foi fatal para a debacle do nosso mercado nos últimos meses. A avaliação que o Copom estaria politicamente refém da presidente, sinalizou ao mercado que a Selic subiria tarde – ou nem subiria no primeiro semestre –, para controlar o “dragão”. Felizmente o BC agiu – ainda que timidamente – na reunião de abril, o que é menos pior. Reconheço que choques de juros têm pouco impacto para reduzir inflação de alimentos, mas não agir, quando a difusão dos preços está em 70%, é atiçar a brasa. Ao sinalizar, contudo, que tenta resgatar as rédeas da condução do processo, nosso BC passa um bom sinal ao mercado. Abandonar o sistema de metas a um plano secundário, como fosse “para inglês ver”, seria um erro crasso.

Vivemos o pior dos mundos, com crescimento sofrível e inflação elevada

Vivemos o pior dos mundos, já que o crescimento está sofrível e a inflação encontra-se elevada. O governo Dilma, no quesito economia, deixa a desejar, lamentavelmente. Alguns analistas já falam em estagflação, o que é péssimo. Prossigo, entretanto, com avaliação de que cresceremos 2,8% em 2013, dados os estímulos fiscais dos últimos meses, e IPCA em 5,7%, face à queda dos preços dos alimentos. Porém, reitero que esse meu relativo otimismo é conjuntural. Em relação a Bovespa, avalio que existem ações de boas empresas brasileiras que estão baratas, com P/Ls muito convidativos, mas, como os investidores internacionais estão em retirada, são penalizadas. Preferem, nesse momento, apostar em outros emergentes, ou mesmo aplicar no Dow ou S&P500. A conclusão é que, infelizmente, o Brasil não é mais o “queridinho” dos gringos, como outrora foi. Digo sempre aos alunos: “Os mercados não são movidos por amor”. Se o BC voltar a fazer seu dever de casa, eles retornarão ávidos mais à frente, e os preços das ações subirão para patamares mais realistas. Para quem acredita que o bom senso retornará, a hora é de considerar investir em ações para o longo prazo. ■